

409

M 409

M 458

M do 3/10/46

DN 4.3.49

DN 7.12.66

Ele e Ela nº 125

RN 131

FZU, dez 81



# A voz do outro lado

**O**UTRO dia, relendo "La Voix Humaine", de Jean Cocteau, tive uma idéia que talvez não fôsse má — e que, com certeza, ficará em idéia mesmo.

Muitos leitores se lembrarão dessa peça de uma só personagem — que, aliás, a senhora Morineau já interpretou no Rio, de maneira inesquecível. Aquela mulher amarga passa todo o tempo da peça falando ao telefone; chora, ri, soluça, discute, ameaça, mente. Do outro lado do fio está um homem, que o espectador não vê nem ouve. É um homem comum, que está abandonando aquela amante para se casar.

Minha idéia foi escrever "A Outra Voz". Não para juntar as duas em um diálogo que, afinal, banalizaria a peça. O homem apareceria sozinho, despedindo-se, pelo telefone, da amante em liquidação. Ele certamente lhe diria gentilezas vulgares e inúteis palavras de conforto. Estaria talvez em um balcão de bar, com alguém esperando na mesa...

Ao escrever a peça, Cocteau não quis — ele mesmo o disse — procurar solução de nenhum problema psicológico. Evitou dar golpes de surpresa, que seriam fáceis, para manter o espectador em *suspense* ou levá-lo a fazer, até certa altura, uma idéia errada da situação. A peça não tem truques. É apenas a mulher apaixonada que o amante abandona — e que reage da maneira mais vulgar, ora com despeito, ora criando certa força, ora se humilhando toda e confessando sua agonia. Essa humilhação e essa agonia é que dão o tom monótono da pequena peça, que parece durar anos, na intensidade de sua aflição. Coc-

teau confessou que sua peça foi inspirada na lembrança de uma conversa telefônica surpreendida por acaso, com "a singularidade grave dos timbres, a eternidade dos silêncios".

Talvez fôsse interessante pensar no outro lado da história, no desespero sêco e frio do homem. Sua impaciência em atirar fora de sua vida aquêlo bagaço, seu remorso, seu medo de ferir, de fazer mal, de matar com as palavras ou com o silêncio. (Creio que em situações semelhantes as mulheres são muito mais cruéis que os homens.)

Mas o diabo é que eu precisaria ser um Cocteau para criar com justeza êsse tipo de homem. Ele não deveria ser um sentimental nem um cínico — nem piegas nem cruel. Sua força, como a da mulher, haveria de residir em sua própria banalidade.

Pois, na verdade, o homem não precisa ser bom nem mau. É o amor que é divino e desumano; a delicadeza mais leve e a brutalidade mais revoltante nascem do próprio amor com uma espantosa inevitabilidade. Os grandes orgulhosos o mais que podem é calar no momento de ser abandonados ou de abandonar.

Mas o silêncio é de um ouro falso; o silêncio em si mesmo é falso; nem mesmo o silêncio definitivo e sem remédio, o suicídio, tem mais força do que a expressão de um gesto de momento. "A Outra Voz" teria de refletir o subinferno da inquietação e do remorso que vai envenenar um novo romance. Perder o amor da pessoa amada e perder o amor pela pessoa amada, tudo são perdas na vida — na vida, que se amesquinha, e lá se vai gastando.

M 409-20.2.60